

## **COMPULSIVIDADE: DESCOMPASSO EM UMA SOCIEDADE DE CONSUMO DE MASSAS**

Texto apresentado no “IV Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana”, Punta del Leste – Uruguay, setembro de 2006.

**Roberto C. Leal** – robertocleal@yahoo.com

### Resumo:

Nesse texto proponho uma reflexão relacionando cultura contemporânea e psicologia, levantando elementos identificadores das diversas formas de processos compulsivos, cada vez mais freqüentes na atualidade.

Palavras chave: Compulsividade, consumo de massas, subjetividade, modernidade.

Acerca de um século, o fenômeno da compulsão foi contextualizado por Freud principalmente para compreensão da neurose (compulsão á repetição). Desde então, nosso mundo passou por um esplêndido progresso industrial e tecnológico, que vem, cada vez mais, diminuindo distâncias. Nos dias de hoje isso está especialmente representado pela descoberta e inovação tecnológica do micro-chip a pouco mais de duas décadas, pela disseminação da Internet e viagens espaciais freqüentes, estando associado a um processo de globalização cada vez mais complexo e crescente, que envolve e vem influenciando cultura, sociedade e economia. Nesse novo contexto, novas patologias foram sendo diagnosticadas, indicando novos contornos relacionados à compulsão (transtorno, estresse, bulimia, ansiedade, etc), especialmente nos grandes centros urbanos.

De certa maneira, alguns dos sintomas compulsivos têm origem na vida moderna. Com o impulso tecnológico nos últimos anos nosso mundo tornou-se mais veloz e excessivo,

seja pela circulação de mercadorias cada vez mais disponíveis e descartáveis, seja pela ampla diversidade de informações que nos são lançadas no dia a dia, por diferentes formas de comunicação. Esse mundo de velocidade e excesso também se caracteriza pela virtualidade. Curiosamente o termo “tempo real” é uma das expressões mais correntes que parece conter todas características da atualidade, de nossa contemporaneidade. Em “tempo real” podemos hoje nos comunicar com qualquer parte do mundo e até mesmo acompanhar expedições interplanetárias. Em “tempo real” grandes capitais são deslocados especulativamente, afetando diferentes economias, provocando impacto, inclusive, na vida de milhões de pessoas.

Ao relacionar cultura contemporânea e psicologia pretendo levantar elementos que identifiquem as origens para a discussão e compreensão deste amplo espectro de compulsões, por assim dizer, expresso em comportamentos dos mais diversos, muitas vezes difíceis de serem identificados à primeira vista.

Podemos dizer que os processos de transformações sociais e tecnológicas vêm nos afetando a ponto de novos fenômenos de ordem psíquica surgirem, a partir de mudanças que interferem em nosso cotidiano, nas relações e, especialmente, em nossa vida interior, nossa subjetividade.

Luigi Zoja nos relembra a afirmação feita por Jung de que “nenhum homem é uma ilha, somos cidadãos da cultura e da história e não podemos limitar nossa atenção ao indivíduo”. Nesse sentido, ressalta a importância de aprofundar os aspectos sociais do próprio indivíduo, sendo a individuação o desenvolvimento do potencial individual em harmonia com a sociedade (ZOJA et al., 2005).

Mas antes de focar a relação destes fenômenos compulsivos com nossa cultura contemporânea, se faz necessário compreender o que se entende por compulsão. Segundo Laplanche e Pontalis, trata-se de uma ação, pensamento ou uma seqüência complexa de comportamentos, que quando não realizados, acarreta um aumento da

angústia. Vale lembrar que a angústia ocorre quando há ausência ou insuficiência de elaboração psíquica, que leva o sujeito a estar submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar, provocando um estado de desamparo psíquico. (LAPLANCHE E PONTALIS et al 1982)

No vocabulário freudiano, o termo alemão “zwang” designa não apenas as compulsões do pensamento ou obsessões, mas também as ações e os afetos compulsivos, determinados por uma força interna imperativa. Entretanto, “zwang” não elucida suficientemente “nem a luta complexa da compulsão obsessiva, nem o caráter organizado segundo uma certa encenação fantasística da compulsão a repetição” (LAPLANCHE E PONTALIS et al., 1982). “Zwang” se inscreve mais ao lado de “pulsão” e de “impulso”.

Nesse sentido, compulsão ou compulsivo, vem do latim “compellere” de compelir, que impele, que constrange, significando estar compelido, seguir um impulso, sentir-se forçado a alguma ação. Isso me parece estar de acordo com o amplo espectro de processos compulsivos dos dias atuais. Ou seja, ao mesmo tempo em que compeli, impulsiona, vem de uma pulsão ou estado de tensão, não se sabe o porque, e provoca em alguns casos, constrangimento e angústia na tentativa de se evitar ou controlar ou não conseguir realizar a ação.

É necessária a distinção de que a compulsão à repetição definida por Freud caracteriza-se por um processo inconsciente. Já na neurose obsessiva, o conflito psíquico:

“exprime-se por sintomas compulsivos (idéias obsedantes, compulsão a realizar atos indesejáveis, luta contra estes pensamentos e estas tendências, ritos conjuratórios, etc) e por um modo de pensar caracterizado particularmente por ruminação mental, dúvida, escrúpulos que levam a inibições do pensamento e ação” (LAPLANCHE E PONTALIS et al., 1982).

Ao esclarecer o que se entende por compulsão ou processos compulsivos, nota-se que se trata de uma resposta da mente e do corpo, onde se desenvolve alguma reação ou

resposta compensatória ou defensiva de algo que nos afeta e nos causa, sendo que não é perceptível conscientemente, senão superficialmente. Processos compulsivos demandam, portanto, um trabalho clínico longo e dispendioso, que nem sempre se obtêm resultados, nessa modalidade de sofrimento humano, por assim dizer.

As compulsões sempre existiram, entretanto, atualmente, parece nos chamar mais a atenção. Não por sua emergência ou classificação de “novas patologias”, mas principalmente por sua abundância, pela quantidade de ocorrências (MAIA et al., 2004).

Por que estes casos ocorrem na atualidade de forma mais abundante? Inicialmente porque nossa subjetividade vem sendo afetada especialmente pelo aumento de exigências em nosso dia-a-dia, do desempenho em consonância com a agilidade das esferas financeiras e produtivas. Por trás dessas exigências a mídia passou a desempenhar um papel mais determinante, influenciando e formando opiniões, na geração de valores atrelados fundamentalmente aos interesses das grandes redes financeiro-produtivas, daquilo que consumimos. Esta seria uma nova etapa do que se entende por consumo de massas, de produção em larga escala - hoje, inclusive, de caráter não exclusivamente material, mas também pautada por imagens, idéias, redes virtuais, afetando, inclusive, nossa estética, a imagem de si mesmo.

Uma das principais características da lógica do processo de desenvolvimento capitalista é o aumento da produtividade, ou seja, produzir mais, em larga escala, cada vez a um custo menor, maximizando lucro, gerando mais valor.

Mas se estas são características históricas inerentes do processo capitalista, por que atualmente nossa subjetividade é tão afetada? Uma explicação para isso reside justamente nessa nova etapa de desenvolvimento do capitalismo, globalizante, caracterizado pela velocidade e excesso, onde se desdobram exigências de mobilidade, agilidade, eficiência e eficácia, que interferem no que é valorizado pela cultura de massas.

Na dinâmica globalizante chegamos a um ponto onde, “a produção do valor antecede ao uso” (SANTOS et al., 2000), invertendo o que ocorria anteriormente, quando o uso e/ou a necessidade geravam ou conferiam valor. Cada vez mais se criam demandas pelas coisas, mesmo antes de produzi-las. Tratam-se de coisas “que nascem com significados outorgados” (SANTOS et al., 2000). Nesse sentido a própria ideologia também se tornou coisa, pesando em nosso cotidiano, formando opiniões, dimensionando estéticas massificadas.

Vale lembrar que a palavra cultura, em sua raiz, significa também cultivar. Cultivamos através dos tempos padrões de comportamento, crenças, valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente por gerações, que caracterizam povos, sociedades e civilizações.

A cultura de massas, fenômeno ainda relativamente recente na história humana, oriunda da modernidade, se dá por meio do que conhecemos por indústria cultural. Indústria é a conjugação do trabalho e do capital para transformar a matéria prima em bens de produção e consumo. A indústria cultural, grosso modo, caracteriza-se por sua vez pela produção de bens culturais, disseminados através dos meios de comunicação de massa (mídia), que impõem formas universalizantes de comportamento e consumo. Nesse sentido, a comunicação em massa funciona como uma articulação do sistema mercantil e industrial, influenciando na construção de uma identidade social. Esta identidade social parece caminhar cada vez mais em desacordo com a possibilidade do indivíduo olhar-se e ser visto segundo sua própria singularidade.

Na complexidade e acirramento da lógica da cultura de massas, a primeira forma de compulsividade a ser destacada relaciona-se a amplitude e alcance do que se entende por consumo. O consumo, segundo a lógica capitalista, deveria responder sempre a uma necessidade, gerando procura (demanda) e determinando a partir daí o valor as coisas.

Segundo Zygmunt Bauman, hoje:

“no mundo dos consumidores as possibilidades são infinitas, pois o volume de objetivos sedutores à disposição nunca poderá ser exaurido. As receitas para boa vida e os utensílios que a elas servem tem data de validade, mas muitos cairão em desuso bem antes dessa data, apequenados, desvalorizados e destituídos de fascínio pela competição de ofertas novas e aperfeiçoadas” (BAUMAN et al., 2001, pág. 86).

Nesse sentido, é o desejo que se torna primazia do consumo. É o desejo decorrente do fascínio, da sedução do novo, da novidade de algum objeto ou mercadoria melhor para substituir outro, já ultrapassado. Este desejo é infantilizado. O mundo torna-se aparência, onde o consumo liga-se também à auto-expressão. O indivíduo, inclusive, expressa a si mesmo através de suas posses (BAUMAN et al., 2001), contaminando, distorcendo a imagem de si mesmo. Este mundo de aparências é idealizado pelo sucesso. O desejo motivado pelo consumo, simplesmente pelo consumir propriamente dito, como força motriz, é substituído pelo querer, um querer compulsivo, um comprar casual. Bauman assinala ainda que esta compulsão a comprar torna-se vício, disfarçando, por assim dizer a própria compulsividade, tornando difícil sua percepção.

Gostaria de esclarecer que não é minha intenção nessa reflexão dar um sentido parcial negativo dos aspectos relacionados à técnica e racionalidade, características de nossa herança moderna. Mas, como disse, hoje me parece, estamos diante de uma nova etapa do processo de globalização, que na verdade traz sob a égide de um sistema econômico hegemônico, o respaldo da própria modernidade, que carrega em si, conforme salienta Marisa S. Maia, um “imperativo moral de ordenar, simplificar, catalogar e universalizar”, tendo como contraponto, simultaneamente, por decorrência, “a fragmentação, a contingência, a superficialidade”. Esse imperativo é mais abrangente do que um sistema político ou econômico, delineando em seu bojo, os alicerces da modernidade, seu próprio paradigma.

Nesse imperativo da busca pela ordem, Bauman destaca que a mesma se dá segundo uma lógica de oposição. Dá-se pela dicotomia entre ordem e caos, ou seja, pela oposição como regra. Mas, como o autor salienta, uma oposição ou tensão não simétrica, pois ocorre segundo uma ordenação excludente, em conformidade por tudo que não pode “ser esclarecido e assimilado pelo pensamento racional” (MAIA et al, 2004).

Na exclusão daquilo que não é esclarecido pelo pensamento racional, onde não é possível ordenar, classificar, universalizar, encontramos nossos dilemas ou heranças constitutivas da vida moderna. Mais recentemente, devido à aceleração, por assim dizer, própria da dinâmica globalizante, onde se reproduz mais ao extremo o paradigma da modernidade, passamos a enfrentar o que Maia denomina vivências traumáticas. A autora nos lembra que após os anos vinte do século passado, Freud redefiniu o trauma, “passando a entendê-lo como uma experiência que traz ao psiquismo, num curto espaço de tempo, um incremento de intensidades grande demais para ser absorvido”. Segundo Maia, os processos traumáticos não comportam sentido em si, desdobrando-se em sentidos e significações de várias ordens para o indivíduo ou a coletividade (MAIA et al., 2004). Parece-me que neste ponto identificamos as origens dos diversos processos compulsivos e outras formas de patologias observadas recentemente.

Hoje em dia, por exemplo, transtornos relacionados ao pânico já são mais frequentes, diagnosticáveis em alguns casos, onde as sensações que o indivíduo se depara geralmente estão associadas a uma vivência de certa maneira fóbica e, especialmente, caracterizada pelo aumento exacerbado da angústia. Falta ar, espaço, aflige, descompensa, descontrola. Há casos de pessoas que desenvolvem hábitos para tentar contornar o que sentem, outros que sofrem por sentirem uma paralisia generalizada. Ambas situações caracterizam-se por um sofrimento de algo desconhecido e descontrolado.

São também exemplos à bulimia e anorexia. Todos sabemos que ambas estão relacionadas a uma estética, a imagem da aceitação de si, também gerando comportamentos dissonantes, sem a percepção do indivíduo do que ocorre consigo mesmo. Uma imagem distorcida de si mesmo, contrapondo-se a estética virtual de um ideário de perfeição, produtos da mídia, presentes a todo instante, cercando-nos onde estivermos, em excesso. Nesse caso, misturam-se sentidos e significações de ordem individual relacionada à história da pessoa e, ao mesmo tempo, de ordem coletiva, pelo estigma de aceitação social de uma imagem de perfeição, produto para comprar, vender, consumir.

Na compulsão, como vimos, uma ação, pensamento ou uma seqüência complexa de comportamentos, determinados por uma força interna imperativa, incapaz de se dominar, ocorre pela ausência ou insuficiência de elaboração psíquica, provocando um estado de desamparo e, em alguns casos, constrangimento, em outros, compensação e alívio ou ainda, a combinação de constrangimento e alívio.

Além da compulsão a consumir ou comprar, mencionada por Bauman, observa-se atualmente, outras mais freqüentes, bastante relacionadas com as características das vivências traumáticas apontadas por Maia.

Uma das mais conhecidas é a compulsividade alimentar. Vale lembrar neste caso o filme documentário do diretor americano Morgan Spurlock, divulgado em 2004, "Super size me", traduzido literalmente por "Super fazer-me sob medida". Nesse filme, em linhas gerais, Spurlock propõe-se a fazer uma dieta a base de três refeições diárias dos produtos da rede McDonald's durante um mês. O propósito foi demonstrar como a mídia imprime comportamentos, gostos, hábitos alimentares, e, porque não dizer, valores sociais, a partir da sedução do consumo de algo delicioso, colorido, prático, rápido (fast food), sem haver qualquer preocupação com a saúde do consumidor, sem alertar o que o mesmo está consumindo, onde o fim último é estimular o consumo dos produtos. A

propaganda, uma forma peculiar de mídia, nesse caso, é o veículo sedutor, estimulando as pessoas a consumir, não se importando com o exagero. Aliás “big”, grande ou gigante, é seu atrativo: o exagero, a abundância. Sem alongar-me muito, o filme mostra evidências de uma rede protecionista da indústria de alimentos, que atua inclusive através de lobbies políticos. Ao final do filme, o diretor engorda cerca de nove quilos em um mês. Sua saúde corre risco pelo excesso e acúmulo de gordura, especialmente em seu fígado. Mostra ainda que açúcar e gordura industrializados são à base dessa alimentação, inclusive das saladas que contém calorias similares aos sanduíches “big”. Mostra como é possível viciar-se nesse tipo de consumo através de substâncias que geram satisfação e renovam o desejo, gerando uma falsa necessidade. Mostra ainda, como uma combinação entre compulsão e desânimo, podem estar associados a esta modalidade de consumo. Aliás, a partir do filme e seu impacto na época, coincidência ou não, como afirma o diretor, os produtos da rede passaram a especificar a quantidade de calorias consumidas em cada um de seus produtos e alguns dos produtos “big”, saíram de circulação.

Várias outras modalidades de processos compulsivos poderiam ser mencionadas, ou não, por ainda permanecerem desconhecidas ou serem até bastante peculiares, conforme o caso. Pois a compulsividade tem um amplo espectro nos dias de hoje justamente porque suas características, conforme mencionei anteriormente, revelam-se por meio de situações que as pessoas desconhecem, afetadas em sua subjetividade. Maia também chama a atenção para o contrário da compulsividade, que seria a apatia, outra forma corrente de vivências traumáticas da atualidade.

Particularmente em Jung, o trauma já se daria a partir da cisão característica da modernidade, de sua necessidade de ordenação. Na teoria junguiana, por exemplo, as “funções da consciência (pensamento, sentimento, sensação e intuição) são dissociadas em função da cultura” (MARONI, A. et al, 2005). Jung assinala que vivemos sob a

ditadura de uma função em relação as demais. A esse respeito Amnérís Maroni afirma que:

“De um lado, esmagado pelo coletivo social, o indivíduo vive um progressivo empobrecimento da alma, pois as diversas instâncias psíquicas tendem a não se comunicar e a incapacidade de simbolização é a regra. A consciência nesse caso é também limitada pelas possessões das ” personalidades dissociadas “ sobre o eu. As experiências vividas são mal elaboradas quando a consciência está cindida e dominada por uma única função”(MARONI, A. et al, 2005, pág. 33).

Nesse sentido, os herdeiros dessa etapa da era moderna ou pós-moderna para alguns, caracterizam-se pela fragmentação ou descontinuidade, pelo empobrecimento do pensamento, desagregação, desenraizamento, superficialidade em vários âmbitos. Vivemos o paradoxo de um narcisismo cultural, o culto de uma individualidade exacerbada e, ao mesmo tempo, um esmagamento do eu, o sofrimento da necessidade de expressão da singularidade. A velocidade e excesso dos dias atuais afetam cada vez mais nossa subjetividade. Parece que temos cada vez menos tempo e espaço para a possibilidade de buscarmos nossa singularidade. Falta tempo e espaço, propícios ao ritmo humano, por assim dizer.

Nessa direção, esclarecendo, a palavra ritmo vem do grego “rhythmós”, que significa “movimento regrado e medido”, podendo ser relacionado à harmonia, por esta significar “proporção, ordem, simetria, em conformidade” ou, se ampliarmos um pouco mais, “suavidade e sonoridade”. Portanto, a palavra ritmo agrega tempo e espaço, movimento e harmonia.

Nosso tempo de possibilidade de elaboração, constituição e entrelaçamento de sonhos, memórias, pensamentos, cada vez mais estão sendo afetados.

Parece-me que vamos perdendo aquilo que talvez nos seja mais precioso, a apropriação de nosso tempo, caracterizado principalmente pela ausência de reflexão. Um tempo que

tem ritmo, som, “música do silêncio”. Quanto a este último, refiro-me metaforicamente à música da psique, possível a partir da quietude, do contato com nossa respiração, com a possibilidade de reconectar nossa imaginação, nossas imagens. As imagens são sempre a possibilidade de elaboração, de nos ordenarmos, assimilarmos e apropriarmos do movimento de nossa psique. As imagens são representações, símbolos, aquilo que evocamos em busca de sentido e significado. É algo anterior mesmo a linguagem, refere-se à plasticidade da alma, de seus deslocamentos em diálogo com o corpo próprio e a anima mundi. Este último, a anima mundi, se refere à constituição do próprio sujeito, de sua singularidade a partir da relação, do cuidar, acolher, comunicar-se com o outro. A alteridade se dá a partir desse encontro com o outro, onde um lugar se estabelece, onde plantamos raízes, sentimo-nos aparentados, tal qual mencionou Jung no final de suas memórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, ZYGMUNT. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 4ª edição, 2001.

MAIA, MARISA SCHARGEL. *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2004.

MARONI, AMNÉRIS. “Jung na era das catástrofes”. *Coleção Memória da Psicanálise, nº 2 – Jung: A psicologia analítica e o resgate do sagrado*. São Paulo: Revista Viver, mente & cérebro, 2005, p. 30-39.

SANTOS, Milton. *Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos*. SEAMBRA, O., CARVALHO, M., LEITE, J.C (Org.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

ZOJA, LUIGI. *Carl Gustav Jung como fenômeno histórico-cultural*. In: *Cadernos Junguianos*, Associação Junguiana do Brasil, vol 1, n 1. São Paulo: AJB, 2005, p. 18-31.